

Como escrever cidades¹

EM 2016, INICIAMOS NO POLO DE PESQUISAS LUSO-BRASILEIRAS – PPLB, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, o projeto “Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento”, com acesso livre a todos que se interessam pelas literaturas de língua portuguesa e pelos estudos contemporâneos de paisagem.² Para seu início, contamos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, o que permitiu a criação da plataforma por um grupo interdisciplinar de pesquisadores (Letras, História e Turismo), que executam o projeto a partir de suas universidades, como a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de parcerias com colaboradores de outras instituições brasileiras e estrangeiras. A Fundação Calouste Gulbenkian apoiou ainda, em 2019, a publicação, pela editora da Universidade Federal Fluminense, a Eduff, do livro intitulado *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*, com organização de Ida Alves, visando à “discussão sobre a relação paisagem e subjetividade, cultura e memória, numa concepção interdisciplinar característica de nossa atualidade.”³

- 1 A parte inicial desta apresentação repete, salvo pequenos ajustes, o texto introdutório dos dois primeiros volumes da série *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidade literárias*, organizados por Ida Alves e Eduardo da Cruz, o primeiro, e Ida Alves e Andreia Alves Monteiro de Castro, o segundo, por considerar que cada um deles pode ser lido de forma independente e que o seu conjunto resulta de um mesmo projeto de pesquisa.
- 2 O projeto pode ser conhecido em <http://www.paginasmovimento.com.br/>
- 3 Cf. ALVES, Ida (org.). *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*. Niterói: Eduff, 2019, p. 10.

São 18 estudos sobre obras literárias brasileiras e portuguesas, desde a Idade Média até o século xx. A publicação desses trabalhos ampliava, com ponto de vista teórico e analítico mais desenvolvido, o que se ia publicando na plataforma eletrônica, cujos textos assumem outra dicção, mais próxima do leitor não especialista.

O objetivo geral desse projeto, em sua primeira fase, é reunir apresentações de diferentes obras literárias de autores brasileiros e portugueses, destacando como eixo de abordagem as paisagens escritas/inscritas nessas obras. Numa futura segunda fase do projeto, serão incluídas obras de autores africanos de expressão portuguesa, tornando-se “Páginas Luso-Afro-Brasileiras em Movimento”. O acervo de obras reunidas, de escritores de diferentes épocas, forma uma biblioteca em movimento que o leitor pode acessar como desejar. Também professores de diferentes disciplinas, sobretudo do ensino médio, podem utilizar esse acervo eletrônico, fartamente acompanhado de imagens, como motivação para atividades criativas ou de estudo sobre determinados conteúdos a partir de textos literários.

Desde 2018, agora com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, em projeto aprovado na seleção do Edital Cientista do Nosso Estado (2018–2021),⁴ focalizamos as cidades do Rio de Janeiro e Lisboa escritas em obras literárias de diferentes épocas. Se, no espaço virtual, os textos – “páginas em movimento” – procuram captar a atenção do leitor, favorecendo uma espécie de deambulação sedutora por determinadas obras literárias, com o auxílio visual de imagens (fotografias e pinturas) das paisagens ali observadas, propomos, na série de três livros intitulada *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*, estudos mais detalhados sobre como se escrevem na prosa ficcional ou documental e na poesia, brasileiras ou portuguesas, essas duas cidades tão ligadas pela história e pela língua. Este terceiro volume, assim, dá continuidade aos trabalhos reunidos no primeiro, publicado em 2020, e no segundo, saído em 2021.

Há muitas formas de se relacionar com uma cidade, com diferentes percepções de seu espaço, sua gente e seu imaginário. As perspectivas sobre uma cidade, paisagem urbana simples ou mais complexa, variam infinitamente de acordo com as condições do sujeito que a olha: se a pessoa é natural daquele lugar, migrante ou turista; o ponto de onde se olha e os variados deslocamentos traçados na malha urbana; o período histórico-cultural em que isso se

4 Referente ao processo n. E-26/202.851/2018.

dá e as diversas percepções do observador, constituído por traços singulares, como posição social, gênero, cor, orientação sexual etc. Todas essas nuances podem fazer com que uma cidade seja tão múltipla quanto todos aqueles que a observam. Compreendemos bem como, à luz de diferentes abordagens disciplinares, a paisagem urbana é um “sistema de significação”, “objeto de interpretações”, com a “pluralidade de suas dimensões”⁵; é patrimônio e memória, uma geografia íntima e coletiva, um espaço de sociabilidade, uma estética da vida partilhada, um lugar de conhecimento e de poder, mas também labirinto, deserto e passagens. Essas experiências podem ser pensadas e questionadas nos diferentes modos como certas cidades são recriadas nos textos literários. A própria eleição de uma cidade e, dentro dela, de determinados espaços gera sentidos diferentes e demanda interpretações singulares. Algumas são recorrentemente elencadas por escritores e escritoras em suas obras, tornando-se cidades literárias por excelência. Imersos na tradição estética ocidental, estamos muito habituados a pensar artisticamente em Paris, Londres, Nova York, Dublin, Roma, mas precisamos também deslocar nossa atenção para cidades fora desse eixo, e isso, no âmbito do mundo que fala português, significa ir ao encontro de duas cidades que marcam de forma muito particular um imaginário transatlântico: Rio de Janeiro e Lisboa.

Por isso, os ensaios que compõem esta série de livros, agora no seu terceiro volume, dedicam-se a analisar como essas duas cidades se fazem presentes nas obras de alguns escritores portugueses e brasileiros do século XIX à contemporaneidade, num diálogo múltiplo, diverso. Esse conjunto reflete também as diferentes abordagens metodológicas e teóricas sobre a relação entre literatura e paisagem, ou entre texto e geograficidade, ou entre escrita literária e outros saberes sobre ocupação e habitação de espaços. Apesar da diferença de análises, da diversidade de pressupostos teóricos e críticos de pesquisadores dos dois lados do Atlântico que estudam obras oitocentistas, novecentistas e contemporâneas, o olhar atento sobre as duas cidades, seja do sujeito poético, seja do narrador ou de uma ou outra personagem, liga mais uma vez todos os capítulos do livro, articulando-se páginas e paisagens. O olhar, percebido e analisado em distintos textos literários sob as mais variadas perspectivas, faz ressaltar o ponto de vista sobre a cidade: se fixo ou deambulatório; se íntimo, por uma janela; ou público, em ruas, praças

5 Indicamos aos interessados a leitura de SANSON, Pascal (dir.). *Le paysage urbain: représentations, significations, communication*. Paris: L'Harmattan, 2007. E também de PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas* (1996). São Paulo: Senac, 2004. 3ª ed. revista e ampliada.

e subúrbios; com a utilização de técnicas modernas ou contemporâneas de visualidade ou por meios de transporte que cruzam seus bairros, sua realidade espacial; muitas vezes, a partir da memória individual ou coletiva, na tentativa de dar conta das transformações urbanas, políticas e sociais. As diferentes visões sobre Rio de Janeiro e Lisboa revelam não apenas paisagens urbanas híbridas, mas também as pessoas que nelas vivem e as configuram no cotidiano e nos afetos.

NOS ESTUDOS QUE SE DEDICAM À PAISAGEM CARIOCA, a cidade é apresentada por meio de tensões, transformações e desequilíbrios. Maria Elizabeth Chaves de Mello inicia seu estudo lembrando a importância de Ferdinand Denis, autor francês que “aqui esteve entre 1816 e 1821, e, de volta à França, passou a ser considerado um especialista em Brasil, diretor da Bibliothèque Sainte-Genéviève, escrevendo, até o fim da vida, sobre o Brasil e para os brasileiros.” Ao defender que os brasileiros precisavam encontrar sua diferença em relação à Europa, considerando que seria a natureza o elemento fundamental desse projeto, influenciou direta ou indiretamente o discurso romântico oitocentista. Como explica a autora, nos “poemas românticos escritos por autores que seguem, consciente ou inconscientemente, os ensinamentos de Denis, o Brasil se define como um lugar de exotismo, ou seja, uma afirmação de tudo o que os europeus não têm”, de tudo o que a Europa não era. Machado de Assis reagirá precisamente ao paisagismo exagerado de certo romantismo, excluindo-o de sua escrita. “Podemos afirmar, portanto, que as descrições rápidas, ou a falta delas, as ‘pinceladas’ na obra do bruxo do Cosme Velho denotam uma reivindicação nativista, uma afirmação identitária, o desejo de não cair no exotismo, de não lançar um olhar estrangeiro sobre a natureza brasileira, por parte de um autor que nunca saiu da sua terra, que descreve o conjunto e não detalhes pitorescos, que só se tornam visíveis para quem não é oriundo do lugar.” No desenvolvimento de seu estudo, a autora mostrará que o olhar machadiano destaca a vida urbana, o movimento da cidade carioca de seu tempo e as relações entre os sujeitos que nela vivem, com suas histórias íntimas desveladas pelos narradores. Na parte final do texto, destaca a imagem do mar na escrita de *Dom Casmurro*.

Francine Fernandes Weiss Ricieri, a partir do livro *O Rio maravilhoso: coleção literária e turística da cidade do Rio de Janeiro* (1934), organizado “pelo então chefe da estação inicial da Estrada de Ferro do Corcovado, Amandio

Soares”, discute inicialmente os sentidos que se apresentam na incorporação do monumento Cristo Redentor à paisagem urbana carioca. Em seguida, confronta outra visão da cidade, a partir desse monumento, nos poemas de Gilka Machado intitulados “Diante do Cristo Redentor” e “Hino aos trabalhadores que construíram a cidade do Rio de Janeiro (Escrito do alto, diante do panorama noturno da cidade)”. Em suas palavras, os versos “reincidem em certa tensão entre sagrado e profano, entre algo que seria da ordem do divino e algo que se reporta ao trabalho cotidiano dos homens cujo labor edifica a cidade”. Propõe articulação original sobre o sujeito feminino, seu corpo, o monumento e a *polis*, que ilumina de outra forma a poética de Gilka Marchado, a qual, em seu tempo de escrita, foi hostilizada e marginalizada por seu erotismo e afirmação feminina.

Anna Faedrich e Nathalia Kimberly, reafirmando o silenciamento que as mulheres escritoras sofreram ao longo do século XIX e mesmo nas primeiras décadas do século XX, destacam as crônicas de Julia Lopes de Almeida [1862–1934] e o modo como essa escritora observou a cidade do Rio de Janeiro. Como explicam, testemunha das “transformações urbanas e das vantagens da modernização, assim como João do Rio e Olavo Bilac, Almeida registrou as mudanças físicas e sociais da *belle époque*, e demonstrou entusiasmo com a higienização e a remodelagem da cidade. Cosmopolita e antenada com a cultura francesa, suas reflexões estavam vinculadas às ideias de civilização e de progresso. Julia pareceu vibrar com as mudanças na cidade, e as crônicas são – ainda hoje – fonte histórica de compreensão das reformas pelas quais passava a cidade.” O estudo apresenta-nos diversos aspectos cariocas abordados pela cronista e demonstra como a escritora acompanhou as transformações urbanas da cidade com entusiasmo, diferenciando-se de certa visão negativa que outros cronistas assumiam.

José de Mota de Souza e Márcia Manir Miguel Feitosa valem-se do aparato conceitual da geograficidade para estudar o Rio de Janeiro que Drummond, o “maior poeta urbano do Brasil”, segundo Sebastião Uchoa Leite, delineia em sua poesia. Os autores analisam quatro momentos de apreensão da cidade pelo poeta de Itabira e o modo como, progressivamente, vai experimentando esse espaço urbano e estabelecendo com ele laços de pertencimento, “a despeito de todas as vicissitudes e mazelas da cidade”. Também tratando de poetas que olham para o Rio de Janeiro, Filipe Manzoni considera inicialmente as imagens que os cartões postais divulgavam sobre o Rio de Janeiro, estabelecendo uma certa retórica que firmou a ideia de “Cidade Maravilhosa”, capital da República, e seu declínio com a criação de Brasília e a perda de seu protagonismo político. Com essa contextualização histórica, sua leitura “abordará esse cenário de uto-

pia e decadência do Rio capital a partir de dois poemas que se voltaram para dois edifícios especialmente representativos dos projetos de modernização da primeira metade do século xx. O primeiro, ‘A um hotel em demolição’, poema dedicado por Carlos Drummond de Andrade ao Hotel Avenida por ocasião de sua demolição em 1959; o segundo, “Azul e branco”, de Vinicius de Moraes, em louvor ao prédio do Ministério da Educação e Saúde (MES), ou Palácio Capanema, publicado contemporaneamente à sua inauguração, em 1946”. Seu objetivo é “desdobrar, a partir de breves cenários opositivos entre os dois poemas, uma tensão (talvez não tão antagônica, mas complementar) entre utopia e ruína dos projetos modernos, dos quais os dois edifícios são símbolos privilegiados.”

Giovanna Dealtry trata da relação entre cidade e modernidade para se aproximar da escrita de Rodrigo Lacerda, especialmente seu romance *Vista do Rio*, no qual “o Rio de Janeiro contemporâneo aparentemente desaparece para dar lugar ao condomínio Estrela de Ipanema, local onde se desenvolve grande parte do enredo.” Seu estudo analisa a narrativa revelando como um determinado microcosmo, a “Ipanema das décadas de 1970 até 1990”, revela uma cidade pós-redemocratização do país marcada pela distopia com a perda do “projeto modernista e as possibilidades utópicas de uma nação menos desigual.”

Na contemporaneidade, Paulo Alberto da Silva Sales privilegia a poética de Antonio Cicero, especialmente os livros *A cidades e os livros* (2002) e *Porventura* (2012), para analisar “uma dicção poética que promove encontros de paisagens do Rio com espaços e tempos do universo clássico. Será então nesse deslocamento da paisagem urbana, que vai ao encontro de espaços míticos”, que o autor se deterá. Sales procura analisar como ocorre o cruzamento da temática urbana de nosso presente com um retorno aos temas clássicos, os relatos helênicos, o que propicia, segundo ele, “contatos do sujeito lírico com paisagens múltiplas que se tornam desterritorializadas pela iminência de encontros entre espaços do presente com os do passado.”

No segundo movimento deste livro, Lisboa é o centro de atenção de estudos que demonstram suas variadas camadas de sentido, dependendo do autor e do período histórico das obras analisadas.

Com um olhar amplo pela obra de Almeida Garrett, das produções de juventude a *Viagens na minha terra*, passando por poemas, dramas e narrativa, Sérgio Nazar David aponta de que maneira, para esse escritor interveniente, Lisboa surge como “palco do grande drama da regeneração do país”. Mesmo nos dramas históricos *A sobrinha do marquês* e *Filipa de Vilhena*, a cidade onde se passa a ação evoca a Lisboa oitocentista e as questões do liberalismo português. Veem-se também na Lisboa de Garrett considerações sobre o lugar do poeta na modernidade.

Já no século xx, a partir da leitura do *Livro do desassossego*, Rodrigo Xavier examina as diversas Lisboas de Fernando Pessoa e de seu semi-heterônimo Bernardo Soares. Além de apresentar locais da cidade diretamente relacionados a Pessoa, sujeito físico, o ensaio discute as transformações da percepção urbana no *Livro*, indicando três Lisboas a serem lidas: uma Lisboa “concreta e tangível, percebida na sua realidade material”; uma Lisboa “já afetada pelas afetos do poeta, impressionando-o e evocando nele as poéticas paisagens”; e “uma terceira Lisboa, microcósmica e circunscrita à rua dos Douradores, uma Lisboa criada a partir de sua mansarda, no segundo andar de um prédio qualquer na rua intermédia onde vive o ajudante de guarda-livros Bernardo Soares”. Ler essa cidade restrita que se transfigura no sonho demanda um leitor que siga esse movimento pendular entre o real e o onírico.

Por sua vez, Luis Maffei parte de suas próprias impressões sobre Lisboa. Ele corre pela cidade em um texto atravessado de referências poéticas, geográficas, históricas e filosóficas, questionando o grande centro turístico que se tornou Lisboa, a mesma que vende mais o guia turístico de Fernando Pessoa do que seus poemas.

Lirandina Gomes, em seu ensaio, aborda a geograficidade da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, descortinando vários planos sobre a cidade de Lisboa nos poemas “Nocturno da Graça” e “Lisboa”, bem como analisando o modo como a “poeta busca a integração do homem com a natureza e a cultura, no intuito de resgatar a inteireza do ser”.

Em um diálogo com as deambulações por Lisboa, de Cesário Verde, Bernardo Soares e Álvaro de Campos, Silvio Renato Jorge analisa um romance da maturidade de Fernando Namora, *O rio triste* (1982), ambientado nos anos 1960, sob regime ditatorial. Rio e cidade se confundem na tristeza e no embaçamento que caracterizam o período sob repressão, que atinge os corpos, os desejos e a escrita. Também Ângela Beatriz de Carvalho Faria dedica-se à ficção contemporânea, buscando perceber como António Lobo Antunes configura uma paisagem literária “plena de dimensão humana e sensível” no livro *Caminho como uma casa em chamas* (2014). Essa narrativa sobre a ditadura salazarista apresenta personagens que habitam um edifício que “espelha uma cidade e um país em processo de degenerescência ou de extinção de valores que os sustentavam”.

No âmbito da poesia portuguesa contemporânea, Deyse dos Santos Moreira escreve sobre a poética de Luís Quintais. Em seus poemas “atravessamos imagens urbanas, seguindo um olhar descontínuo entre o atual e o antigo”. Há, portanto, uma dificuldade na apreensão de imagens da cidade, que se constrói então pela linguagem a partir de resíduos de uma memória coletiva

e individual. Igualmente abordando poetas do agora, o texto que encerra a seção, assinado por Julieny Souza do Nascimento e Ida Alves, analisa como a capital portuguesa é figurada e problematizada em poemas de Manuel de Freitas e Golgona Anghel. A Lisboa desses poetas é metonimicamente apresentada, enfatizando-se uma relação urbana da ordem muito mais do estranhamento que do pertencimento.

Dessa forma, nesse segundo movimento do livro dedicado a Lisboa, ao longo de dois séculos de produções literárias, o leitor poderá refletir como essa outra cidade transatlântica foi sendo escrita e imaginada nas suas relações com seus habitantes e seus personagens, cruzando-se diversos campos discursivos da ordem do histórico, do político, da corporalidade e do poético.

Na seção final, reúnem-se quatro estudos que, de forma comparativa, abordam o Rio de Janeiro e Lisboa, seja pelo narrado e experiências dos personagens, seja pela autoria que opta por narrar uma cidade que não é a sua.

Júlia Garcia Santos e Andreia Alves Monteiro de Castro põem em diálogo as escritoras Clarice Lispector e Teolinda Gersão, considerando, respectivamente, suas narrativas *A hora da estrela* e *A cidade de Ulisses*. Exploram o modo como as cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa são experienciadas pelos personagens centrais. O estudo das duas paisagens urbanas vale-se de uma abordagem que procura articular a questão da percepção com a experiência dos lugares, fenomenologia e geografia cultural.

Manaíra Aires Athayde apresenta ao leitor o livro *Deus-dará* (2016) como “um grande passeio pelo Rio de Janeiro. A cidade une três dimensões que atravessam as mais de 550 páginas do romance da escritora e jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho”. O Rio de Janeiro é um personagem onipresente que será observado por múltiplos olhares e ângulos, e figurado por meio de diferentes textualidades e materiais imagéticos. A estrutura do longo romance é lúdica e a matéria de que se faz, híbrida; na articulação de diversos tipos de textos, imagens e temporalidades se cruzam. A autora, assim, desenvolve sua análise discutindo uma nova compreensão da ideia de arquivo. “A consequência disto é que um romance como *Deus-dará* já imagina o arquivo não somente no domínio do discurso, sem dimensões físicas ou institucionais (como nas perspectivas epistêmicas de Foucault e, depois, de Derrida), mas o concebe também como lugares concretos e coisas tangíveis, embora não necessariamente constituídos por dimensões formais.”

Vera Lúcia de Oliveira aborda a novela de Luiz Ruffato *Estive em Lisboa e lembrei de você* pela perspectiva da multiculturalidade exatamente para pensar “como se dão esses encontros e/ou desencontros entre culturas e como a incapacidade do personagem central do livro de interagir com o novo con-

texto o penaliza, condenando ao malogro a sua tentativa de, pela migração, mudar a própria condição social e econômica.” Nessa obra de Ruffato, Lisboa é a outra paisagem urbana que acolhe ou marginaliza os que vêm de outro espaço, a depender dos elos efetivos e afetivos que se vão estabelecendo com a cidade estrangeira. A Lisboa presente nessa novela é, pois, a dos bairros periféricos, dos excluídos e impotentes, marginalizados pela vida de pobreza e de desenraizamento que levam.

Ao fim deste terceiro volume de *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*, Sílvia Quinteiro oferece-nos um estudo realizado do ponto de vista do turismo literário. Ao contextualizar um campo de compreensão das relações entre literatura, geografia e turismo, busca pensar Lisboa e o Rio de Janeiro “a partir das possibilidades de articulação entre a literatura, o espaço físico e as deslocamentos que aí ocorrem, sendo que no âmbito desta reflexão interessam especificamente as de motivação turística. Enveredar por um estudo desta natureza significa aceitar a literatura e o turismo enquanto áreas científicas e de investigação harmonizáveis, nomeadamente quando mediadas por disciplinas como a geografia humana, a geografia cultural, a história, a antropologia, a museologia ou a sociologia.” Seu texto traça de forma ampla trilhas de análise interdisciplinar com a observação atenta dos possíveis diálogos entre escritores brasileiros e portugueses, e os modos como figuram e desfiguram as duas cidades que marcam especialmente as relações luso-brasileiras.

AGRADECEMOS À FAPERJ – CIENTISTA DO NOSSO ESTADO o apoio necessário à edição desta série de livros que estudam *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*. Também agradecemos ao Real Gabinete Português de Leitura e a seu Centro de Estudos, representado pelo Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB) e o Grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (PLLP), o apoio técnico permanente e a colaboração intensa para a execução do projeto eletrônico “Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento”, com a produção constante de estudos analíticos, a organização de cursos de extensão e a realização de atividades diversas que visam sobretudo oferecer a professores de ensino básico e fundamental, estudantes universitários e interessados de diferentes áreas a compreensão de abordagens contemporâneas da paisagem e a importância de sua presença nos textos literários como via de diálogo interdisciplinar e de conhecimento mais efetivo

dessas cidades que habitamos no seu cotidiano e recriamos continuamente na linguagem e no tempo.

Desejamos, portanto, que este terceiro volume provoque o leitor a repensar contemporaneamente o tema da paisagem e a ressignificar sua experiência urbana em cidades como o Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias em português.

outubro de 2021

OS ORGANIZADORES